

## *O circuito produtivo de laranja na Microrregião Geográfica de Jales-SP*

*The orange productive circuit in the Geographic Microregion of Jales-SP*

*El circuito productivo de naranja en la Microrregión Geográfica de Jales-SP*

Widson Tainan Ros Martins  
Centro Universitário de Jales  
martins\_tainan10@hotmail.com

Sedeval Nardoque  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
nardoque@hotmail.com

---

### **Resumo**

O Brasil é o maior produtor mundial de laranja, destacando-se entre os principais países exportadores de suco concentrado desta fruta, sendo o estado de São Paulo o maior produtor nacional. Sob os ditames do agronegócio, o suco de laranja tornou-se *commodity* e a produção nacional dessa fruta articulou-se de forma a atender aos interesses do grande capital, representado pelas indústrias processadoras da bebida, monopolizando o mercado e exercendo forte controle sobre o setor. Neste contexto, a Microrregião Geográfica de Jales foi inserida no circuito espacial do capital vinculado à citricultura, embora a maior parte de sua produção de laranja seja vendida *in natura* no mercado interno, entendida como estratégia para “driblar” o monopólio das indústrias processadoras, sobretudo pelos camponeses produtores de laranja, mas não escapando à apropriação da renda da terra pelo capital presente na circulação desta mercadoria. Partindo de tais pressupostos, este trabalho tem como objetivo analisar o processo de apropriação da renda da terra pelo capital no circuito espacial de produção de laranja na Microrregião Geográfica de Jales.

**Palavras-chave:** Citricultura; Microrregião Geográfica de Jales-SP; Commodity Agrícola.

---

### **Abstract**

Brazil is the world's largest producer of orange, standing out among the main exporting countries of concentrated juice of this fruit, being the state of São Paulo the largest national producer. Under the dictates of agribusiness, orange juice became a commodity and the national production of this fruit was articulated in order to serve the interests of big capital, represented by the beverage processing industries, monopolizing the market and exercising

strong control over the sector. In this context, the Geographic Microregion of Jales was inserted in the space circuit of capital linked to citriculture, although most of its orange production is sold *in natura* in the domestic market, understood as a strategy to "dribble" the monopoly of processing industries, especially by peasants producing orange, but not escaping to the appropriation of the income of the land by the capital present in the circulation of this commodity. Starting from such assumptions, this work aims to analyze the process of appropriation of land rent by capital in the space circuit of orange production in the Geographic Microregion of Jales.

**Keywords:** Citriculture; Geographic Microregion of Jales -SP; Agricultural Commodities.

---

### Resumen

Brasil es el mayor productor mundial de naranja, destacándose entre los principales países exportadores de jugo concentrado de esta fruta, siendo el estado de São Paulo el mayor productor nacional. Bajo los dictados del agronegocio, el jugo de naranja se convirtió en *commodity* y la producción nacional de esa fruta se articuló para atender a los intereses del gran capital, representado por las industrias procesadoras de la bebida, monopolizando el mercado y ejerciendo un fuerte control sobre el sector. En este contexto, la Microrregión Geográfica de Jales fue insertada en el circuito espacial del capital vinculado a la citricultura, aunque la mayor parte de su producción de naranja se vendía *in natura* en el mercado interno, entendida como estrategia para "driblar" el monopolio de las industrias procesadoras, sobre todo por los campesinos productores de naranja, pero no escapando a la apropiación de la renta de la tierra por el capital presente en la circulación de esta mercancía. A partir de tales supuestos, este trabajo tiene como objetivo analizar el proceso de apropiación de la renta de la tierra por el capital en el circuito espacial de producción de naranja en la Microrregión Geográfica de Jales.

**Palabras clave:** Citricultura; Microrregión Geográfica de Jales-SP; Commodities Agrícolas.

---

## Introdução

Atualmente o Brasil é o maior produtor mundial de laranja, destacando-se entre os principais países exportadores de suco concentrado e congelado desta fruta, conforme apontam os relatórios da Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBr, 2018)<sup>1</sup>. No estado de São Paulo há a maior produção nacional, responsável por cerca de 82% das exportações de suco de laranja em 2017. Para Welch e Fernandes (2008)<sup>2</sup>, até início da década de 1960, a produção paulista de laranja era basicamente destinada ao mercado doméstico de "suco fresco", pois, somente a partir de 1962 a atividade cítrica em São Paulo foi reorganizada objetivando sua exportação para o mercado estadunidense, pois, naquele ano, uma forte geada comprometeu a produção do estado da Flórida, a maior daquele país, abrindo caminho para a entrada do produto brasileiro.

Desde então, o setor cítrico brasileiro tornou-se alvo de investimentos do capital nacional e internacional, iniciando-se o processo de industrialização de suco concentrado e a exportação para os EUA. Contudo, apenas na década de 1990 o agronegócio da laranja se consolidou no país, concomitantemente à concentração do poder de negociação nas mãos de grandes empresas processadoras e exportadoras de suco cítrico (WELCH;

---

<sup>1</sup> Disponível em CitrusBR (2018).

<sup>2</sup> In: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson. **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

FERNANDES, 2008). Sob os ditames do agronegócio, o suco de laranja tornou-se *commodity* e a produção nacional dessa fruta articulou-se de forma a atender aos interesses do grande capital, representado pelas indústrias processadoras de suco, tendo em vista contar com apenas três empresas (a Cutrale, a Citrusuco, a Louis Dreyfus), monopolizando o mercado da bebida no estado de São Paulo e exercendo forte controle sob este setor.

Neste contexto, a MRG de Jales<sup>3</sup> foi inserida no circuito espacial do capital vinculado à citricultura, utilizada como recorte espacial para a análise neste trabalho. Dentre as principais características da Microrregião, destacam-se sua estrutura fundiária desconcentrada e o predomínio de pequenas propriedades camponesas, nas quais a fruticultura diversificada destaca-se entre as demais atividades agrícolas (NARDOQUE, 2007). Ao estudar a MRG de Jales, Melo (2012) constatou que o cultivo de laranja compõe importante atividade, contribuindo, ao lado de outras frutas, para a permanência dos camponeses<sup>4</sup> no campo, sendo a venda dos frutos *in natura* para o abastecimento do mercado interno constitui-se numa estratégia, por oferecer maior rendimento, contribuindo para a permanência camponesa na terra, “driblando” o monopólio das indústrias processadoras.

Embora a maior parte da laranja produzida na MRG de Jales não tenha como destino as indústrias processadoras de suco, ainda assim, a apropriação da renda da terra camponesa acontece, no momento da comercialização, com a atuação dos compradores de laranja, os “atravessadores”, proprietários de barracões intermediadores na circulação das frutas com redes de distribuição em vários centros consumidores do país, bem como durante a produção, momento de ação de diferentes agentes dos mais variados setores, sejam eles vendedores de máquinas e implementos agrícolas, agrotóxicos, fertilizantes etc.

Nesse sentido, a análise foi feita com base na teoria dos circuitos espaciais da produção (MORAES, 2017), tendo em vista que produção, distribuição, troca e consumo são processos interligados e complementares, e, ao mesmo tempo no circuito espacial de produção da laranja ocorre a reprodução ampliada do capital, via apropriação da renda da terra camponesa, nele, igual e contraditoriamente, também ocorre a reprodução social do campesinato. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é analisar o processo de apropriação da renda da terra no circuito espacial de produção da laranja, no qual estão inseridos os agricultores familiares camponeses da Microrregião Geográfica de Jales.

---

<sup>3</sup> O conceito aqui empregado de Microrregião Geográfica é o utilizado pelo IBGE para regionalizar o Brasil. A MRG de Jales abrange uma área de 3.927,6 Km<sup>2</sup>, composta por 23 municípios, sendo eles: Aparecida d'Oeste, Aspásia, Dirce Reis, Dolcinópolis, Jales, Marinópolis, Mesópolis, Nova Canaã Paulista, Palmeira d'Oeste, Paranapuã, Pontalinda, Populina, Rubinéia, Santa Albertina, Santa Clara d'Oeste, Santa Fé do Sul, Santa Rita d'Oeste, Santa Salete, Santana da Ponte Pensa, São Francisco, Três Fronteiras, Urânia e Vitória Brasil.

<sup>4</sup> O campesinato é aqui entendido como classe social, “e não apenas como um setor da economia, uma forma de organização da produção ou um modo de vida” (MARQUES, 2008, p.58).

## O circuito espacial de produção de laranja na Microrregião Geográfica de Jales-SP<sup>5</sup>

A atual fase de desenvolvimento do modo de produção capitalista, denominado por Oliveira (2016) de mundialização e por Santos (2000) de globalização, tem como características principais a reordenação territorial em escala mundial por meio da formação, compra e fusões de monopólios econômicos, comandando a economia e internacionalizando os processos produtivos, além da circulação de mercadorias em escala mundial, tudo isso possibilitado graças ao uso de técnicas cada vez mais avançadas (OLIVEIRA, 2016; SANTOS, 2000).

Como consequência deste processo, emerge um sistema de poder cujo controle está nas mãos de poucos grupos corporativos, configurando verdadeiros monopólios em relação à regulação dos mercados. Com a internacionalização dos processos produtivos, a dinamização da divisão do trabalho ganha força, sobretudo nos países subdesenvolvidos, influenciados pela lógica das grandes empresas, nacionais ou internacionais, no que diz respeito à elaboração de suas políticas interna e externa.

Tais transformações foram acompanhadas pela atuação do Estado e das empresas no sentido de controlar e regular o território por meio de sua normatização, pois “[...] no período atual, a ‘organização’ das ‘coisas’ passa a ser um dado fundamental [...]” (SANTOS, 2006, p. 228). A reestruturação dos sistemas produtivos decorrentes da ação das empresas globais não ocorre apenas nos grandes centros industriais urbanos. Isso porque, diferentemente do período anterior, em que apenas as grandes cidades se apresentavam como o império da técnica e objeto de modificações cada vez mais sofisticadas e mais carregadas de artifício, hoje, esse mundo artificial inclui, também, o mundo rural, agora possuidor das condições necessárias ao funcionamento das empresas globais (SANTOS, 2006, p. 238).

Neste contexto se efetiva o circuito espacial de produção de laranja na MRG de Jales, aqui analisado. Atualmente o Brasil é o maior produtor mundial de laranja, destacando-se entre os principais países exportadores de suco concentrado e congelado da fruta. O estado de São Paulo, por sua vez, segundo a Agência Paulista de Promoção de Investimentos e Competitividade (INVESTE SP), foi responsável por mais de 28,8% do total de laranja produzida no mundo em 2012, liderando o *ranking* da produção nacional, responsável por cerca de 82% das exportações de suco de laranja em 2017, conforme demonstram as Estatísticas do Comércio Exterior do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços do Governo Federal.

Em 2016, a Defesa Agropecuária de São Paulo constatou a totalidade de 190.398.614 pés de laranja, distribuídos em 62.651 unidades de produção e sob a responsabilidade de 9.689 agricultores. Na MRG de Jales, esse mesmo órgão contabilizou, neste mesmo ano, 4.416.775 pés de laranja, correspondente a 2,3% do total do estado, distribuídos entre 1.303 unidades de produção e 1.296 proprietários.

---

<sup>5</sup> Estas discussões foram realizadas em um dos capítulos da dissertação de mestrado intitulada “Monopolização do território pelo capital e resistência camponesa: as contradições da citricultura na Microrregião Geográfica de Jales”, defendida em abril de 2018 no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas – UFMS/CPTL, e realizada com auxílio financeiro da bolsa de estudos concedida pela CAPES.

## Segundo a Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBr),

Nos últimos 40 anos, o Brasil se consolidou como o maior produtor e exportador mundial de suco de laranja. A cada cinco copos de suco de laranja consumidos no mundo, três foram produzidos nos pomares espalhados pelo interior do Estado de São Paulo e Triângulo Mineiro, onde se forma o chamado “Cinturão Citrícola”. Nessa região, a citricultura é responsável por impulsionar a economia de cerca de 350 municípios (CITRUSBR, 2018).

Welch e Fernandes (2008) acrescentam que, até início da década de 1960, a produção paulista de laranja era basicamente destinada ao mercado doméstico de “suco fresco”. A partir de 1962, a atividade citrícola em São Paulo reorganizou-se, objetivando a exportação para o mercado estadunidense, haja vista que, naquele ano, uma forte geada comprometeu a produção do estado da Flórida, a maior daquele país, abrindo caminho para a entrada do produto brasileiro. Desde então, o Brasil e, principalmente, o estado de São Paulo, tornou-se alvo de investimentos de ambiciosas empresas norte-americanas, e com a assistência técnica e financeira por elas oferecidas, “[...] iniciou-se o processo de industrialização do suco concentrado e a exportação para os EUA” (WELCH; FERNANDES, 2008, p. 178).

Contudo, apenas em 1989, por razão de outra geada sobre os pomares floridianos, que, pela primeira vez, a importação de suco concentrado brasileiro ultrapassou a capacidade de produção da Flórida, correspondendo a mais da metade do suco consumido nos EUA. O agronegócio da laranja consolidou-se na década de 1990, concomitantemente à concentração do poder de negociação nas mãos de grandes empresas processadoras de suco (WELCH; FERNANDES, 2008, p. 174-9). Conforme esclarece Neves (2010), o Brasil exporta 98% de sua produção de laranja, correspondendo a 3/5 do suco consumido no mundo, sendo a União Europeia seu maior mercado consumidor.

No entender de Lopes (2009):

[...] a citricultura tornou-se uma commodity, cujos preços são determinados pelo mercado internacional de suco concentrado de laranja e a sua dinâmica não mais depende de decisões dos produtores, senão do setor industrial, ao qual está umbilicalmente ligada e, mais que isso, de forma subordinada (LOPES, 2009, p. 70).

Sob os ditames de capitalistas envolvidos no agronegócio, a produção nacional de laranja foi articulada de forma a atender aos interesses do grande capital, representado pelas indústrias processadoras de suco. Apesar de seu reduzido número, tendo em vista que apenas três empresas (a Cutrale, a Citrosuco, a Louis Dreyfus), monopolizam o mercado do suco de laranja no estado de São Paulo e a exercem forte controle sob este setor.

Todavia, o foco da análise deste trabalho está em compreender como a MRG de Jales se insere neste circuito espacial de produção, mesmo que a maior parte da laranja nela produzida não tenha como destino as indústrias processadoras de suco. Ao estudar a Microrregião, Melo (2012) constatou que a laranja constitui importante atividade e, ao lado

de outras, contribui para a permanência dos camponeses no campo, sendo a venda dos frutos *in natura* para o abastecimento do mercado interno uma estratégia por eles utilizada para driblar o monopólio das indústrias processadoras e que, por oferecer maior rendimento, tem contribuído com sua permanência na terra.

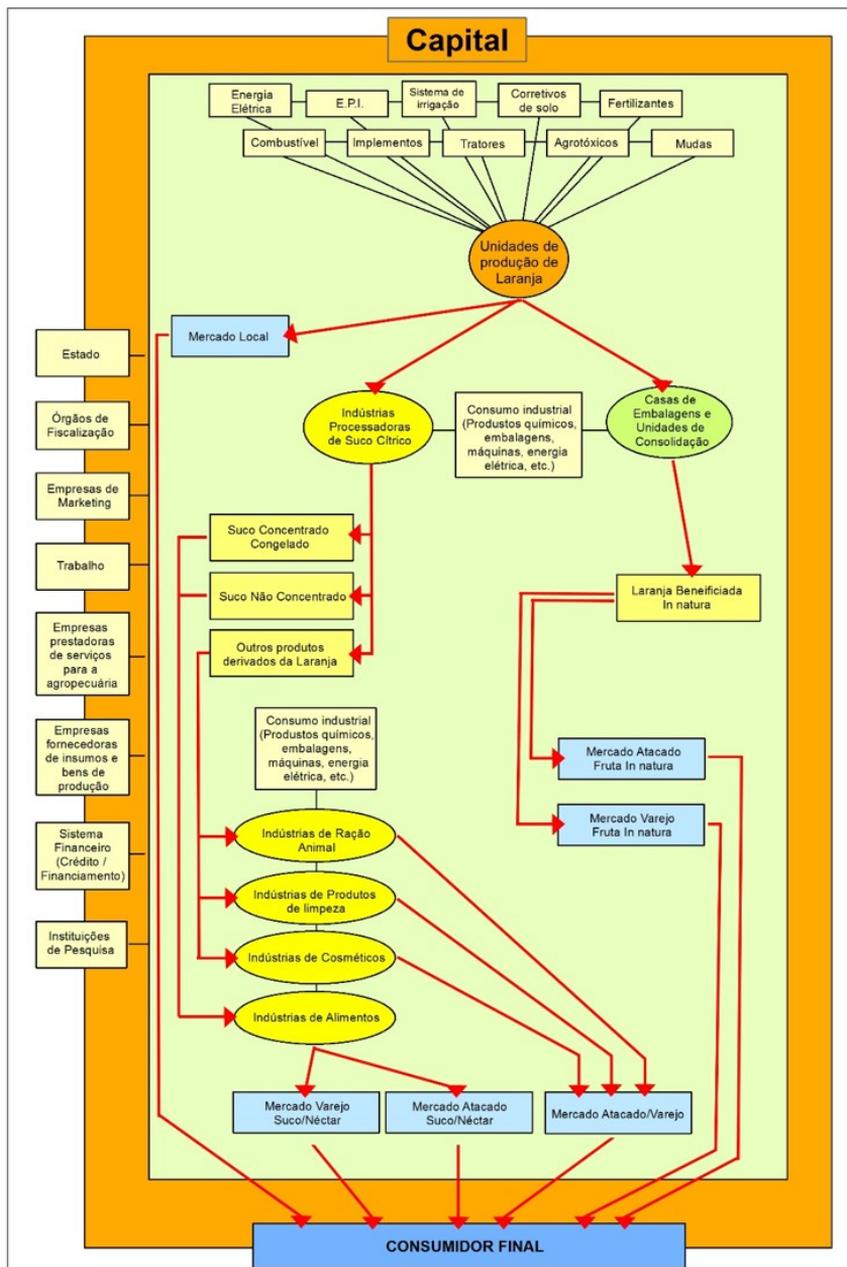
De toda forma, a apropriação da renda da terra camponesa acontece, no momento da comercialização, com a atuação dos compradores de laranja, os “atravessadores”, proprietários de barracões que intermediam a circulação das frutas com redes de distribuição em vários centros consumidores do país, bem como durante a produção, momento em que protagonizam diferentes agentes dos mais variados setores, sejam eles fabricantes e/ou comerciantes de máquinas e implementos agrícolas, agrotóxicos, fertilizantes, etc. Nesse sentido, as análises seguintes permeiam a tentativa de compreensão do circuito espacial da produção da laranja na MRG de Jales, tendo em vista que produção, distribuição, troca e consumo são processos interligados e complementares, e ao mesmo tempo esse circuito permite a reprodução ampliada do capital, também possibilita a reprodução social do campesinato.

### **A apropriação da renda da terra pelo capital no circuito espacial de produção da laranja**

A partir dos pressupostos anteriormente expostos, para entender como ocorre o processo de apropriação da renda da terra pelo capital na agricultura da laranja na MRG de Jales, optou-se pelo uso da teoria dos circuitos espaciais de produção (MORAES, 2017). Assim:

Entende-se que os circuitos espaciais da produção constituem em sua trama o que pode ser rigidamente definido como espaço produtivo. Em outras palavras, este é, em si, a malha dos circuitos. As relações aí estabelecidas se dão em e entre escalas diferenciadas. Existem articulações entre produção local e consumo mundial, entre produção e consumo local financiados por investimentos externos, entre produção e consumo mundiais, etc. Existem circuitos extremamente dispersos, e outros altamente concentrados espacialmente. Qualquer que seja o caso, contudo, devemos hoje considerar, com Milton Santos, que as sincronias funcionais locais obedecem a um tempo e a um ritmo da acumulação mundial. O circuito, claramente internacionalizado, do capital financeiro aparece como um vigoroso elemento ordenador da produção nos diferentes rincões do planeta (MORAES, 2017, p. 43).

Nesse sentido, analisar o circuito espacial da produção da laranja e seus componentes, pressupõe compreender produção, distribuição, troca e consumo são processos interligados e que se complementam. Conforme esclarece Toledo e Castillo (2008, p. 81), a localização de diversas etapas do processo produtivo pode ser dissociada e autônoma, criando a necessidade de complementação entre os lugares. O circuito espacial de produção da laranja na Microrregião de Jales pode ser esquematicamente representado na figura 01.



**Figura 01.** Esquema: circuito produtivo da laranja.

**Fontes:** ARRUDA (2007); CITRUSBR (2018). Organizado pelos autores.

Como escreve Marx (2011, p. 41), nenhuma produção é possível sem instrumentos de produção, exemplo disso, no caso da laranja, é o fato de que o próprio ato de produzir os frutos requer consumo, seja ele de insumos, implementos agrícolas, agrotóxicos, serviços, tecnologia, capital, trabalho etc., e isso faz com que outros circuitos espaciais de produção sejam complementares ao circuito espacial de produção da laranja.

A produção é também imediatamente consumo. Duplo consumo, subjetivo e objetivo: o indivíduo que desenvolve suas capacidades ao produzir também as despende, consome-as no ato da produção, exatamente como a procriação natural é um consumo de forças vitais. Em segundo lugar: consumo dos meios de produção que são usados e desgastados e, em parte (como, por exemplo, na combustão), transformados novamente nos elementos gerais. Assim como o consumo da matéria-prima, que não permanece com sua forma e constituição naturais, sendo, ao contrário, consumida. Por isso, o próprio ato de produção é, em todos os seus momentos, também um ato de consumo (MARX, 2011, p. 45).

Na esfera da distribuição, é válido destacar que esta é inerente à própria produção, da mesma forma que a circulação e o consumo. Para Marx (2011, p. 51), muito embora a distribuição apareça afastada da produção, tendo em vista que está sempre associada à distribuição dos produtos, esta compreende também a distribuição dos instrumentos de produção e dos membros da sociedade nos diferentes tipos de produção. Quanto à troca, para esse autor, é apenas um momento mediador entre a produção e a distribuição e o consumo, pois “[...] na medida em que o próprio consumo aparece como momento da produção, a troca também está evidentemente incluída como momento da produção” (MARX, 2011, p. 53).

Assim sendo, como afirma Marx (2011), não se pode entender produção, distribuição, troca e consumo como processos idênticos, mas como membros de uma totalidade, e que, embora sejam diferentes, estão dentro de uma unidade. É fato que da produção ao consumo final, existe um conjunto de elementos, sujeitos e normas que integram um circuito espacial de produção. Compreende-se que a discussão dos circuitos espaciais de produção perpassa a compreensão de que produção-distribuição-circulação-consumo se dão em um movimento circular constante que integram a totalidade (MORAES, 2017, p. 27).

Produção, distribuição, troca e consumo constituem assim um autêntico silogismo; a produção é a universalidade, a distribuição e a troca, a particularidade, e o consumo, a singularidade na qual o todo se unifica. Esta é certamente uma conexão, mas uma conexão superficial. A produção é determinada por leis naturais universais; a distribuição, pela casualidade social, e pode, por isso, ter um efeito mais ou menos estimulante sobre a produção; a troca interpõe-se entre ambos como movimento social formal; e o ato conclusivo do consumo, concebido não apenas como fim, mas também como finalidade propriamente dita [...] (MARX, 2011, p. 44-45).

Em todos os sítios, como são denominados pelos camponeses, visitados durante pesquisa em campo<sup>6</sup>, constatou-se o consumo de diversos bens e serviços durante o processo produtivo da laranja, possibilitado com o intermédio de diversas empresas ligadas ao setor agrícola (varejistas) que atuam na região, responsáveis pela drenagem de grande parte da renda gerada não apenas pela citricultura, mas também pelas demais atividades agrícolas.

A citricultura é uma atividade na qual grande parte do trabalho é mecanizado, ou seja, requer o uso de implementos agrícolas. Um implemento agrícola, por exemplo, que foi projetado para ser utilizado em diversas atividades agrícolas, pode também ser utilizado durante a produção de laranjas. Este implemento, portanto, teve sua origem em outro circuito espacial de produção, que é complementar ao circuito espacial da laranja. Pode-se citar também, a indústria de fertilizantes ou agrotóxicos, ainda que em alguns casos fabriquem produtos específicos para a citricultura, são parte integrante de outros circuitos espaciais de produção que, por sua, vez são complementares ao circuito espacial de produção de laranja.

Observou-se nos trabalhos de campo, que em cada estabelecimento havia no mínimo um trator e um pulverizador de caldas, utilizados para a aplicação de agrotóxicos e fertilizantes foliares. Estes implementos são, na MRG de Jales, fornecidos por diversas empresas especializadas na comercialização e manutenção, sendo três delas concessionárias de tratores das multinacionais – New Holland, John Deere e Massey Ferguson –, representadas, respectivamente, pelas empresas Coopercitrus Cooperativa de Produtores Rurais, Itaeté Comércio de Máquinas Agrícolas Ltda. e pela Arakaki Máquinas e Implementos Agrícolas S.A., ambas localizadas na cidade de Jales. É comum a presença de vendedores e representantes dessas empresas no campo, que propagandeiam esses produtos aos camponeses, apresentados como altamente tecnológicos e, conseqüentemente, como indispensáveis ao trabalho agrícola.

O processo produtivo da laranja na Microrregião requer o uso intensivo de insumos químicos, principalmente de agrotóxicos e fertilizantes. Estes insumos são fornecidos por empresas agropecuárias especializadas em “vender veneno”, uma vez que, conforme observado nos trabalhos de campo, na maioria dos casos são os técnicos agrícolas e agrônomos dessas mesmas empresas que oferecem assistência técnica aos agricultores camponeses, indicando o uso de produtos vendidos por eles.

---

<sup>6</sup> A escolha dos locais visitados durante o trabalho de campo foi balizada pelos seguintes critérios: estrutura fundiária, priorizando os municípios com a mais desconcentrada; a expressividade da citricultura, dando maior prioridade aos municípios com maior variação quanto à área plantada com laranja no período analisado, seja ela relativa ao aumento ou a diminuição; e o conhecimento endógeno que se tem sobre a Microrregião. Com base nesses critérios, definiu-se 13 municípios para a realização da pesquisa de campo, sendo eles: Aparecida d'Oeste, Aspásia, Jales, Palmeira d'Oeste, Paranapuã, Santa Albertina, Santa Fé do Sul, Santa Rita d'Oeste, Santa Salete, Santana da Ponte Pensa, São Francisco, Urânia e Vitória Brasil. Em campo, foram percorridos aproximadamente 1.800 quilômetros na Microrregião, realizando 20 entrevistas com camponeses, representantes de órgãos públicos e privados ligados à agricultura, técnicos agrícolas e compradores/atravessadores de laranjas.

Durante a realização de um trabalho de campo, acompanhado por um técnico agrícola, observou-se as relações de trabalho a qual estão submetidos esses profissionais, tornando-os propensos a venda de maior quantidade de insumos e agrotóxicos possível aos agricultores camponeses, haja vista o regime de contratação determinado, pela maioria das empresas, desse setor estabelece comissão relativa a determinada porcentagem do valor de suas vendas mensais. Todavia, os agricultores camponeses têm consciência do papel exercido por muitos vendedores de veneno, ou seja, vender esses produtos mesmo que não estejam sendo necessários, justamente para ganharem comissão com as vendas.

É comum, entre os citricultores, as queixas relativas aos altos preços dos agrotóxicos que utilizam em seus pomares, bem como a ineficiência de alguns para o controle das pragas. Também é possível observar a indignação com a situação de impotência a qual os agricultores camponeses estão submetidos, pois ao mesmo tempo que estão sujeitos aos preços dos agrotóxicos no mercado, não possuem a autonomia para definir o preço pelo qual venderá sua produção.

**Quadro 01.** MRG Jales: principais agrotóxicos utilizados na produção de laranjas.

Nome dos agrotóxicos	Função	Fabricante
Envidor	Acaricida	Bayer
Abamectin	Acaricida/Inseticida	Nortox
Belt	Inseticida	Bayer
Comet	Fungicida	Basf
Curyom	Inseticida	Syngenta
Dithane	Acaricida/Fungicida	Dow AgroSciences
Engeo Pleno	Inseticida	Syngenta
Evidence	Inseticida	Bayer
Flint	Fungicida	Bayer
Forum	Fungicida	Basf
Fury	Inseticida	FMC Química
Garra	Fungicida	Oxiquímica
Kumulus	Fungicida	Basf
Marshal	Acaricida/Inseticida	FMC Química
Metiltiofan	Fungicida	Sipcam UPL
Nativo	Fungicida	Bayer
Oberon	Inseticida	Bayer
Okay	Acaricida	Ihara
Omite	Acaricida	Chemtura
Provado	Inseticida	Bayer
Recop	Fungicida	Syngenta
Roundup	Herbicida	Monsanto
Savey	Acaricida	Du Pont
Sulfure	Acaricida/Fungicida	Bio Soja
Turbo	Inseticida	Bayer
Tutor	Fungicida	Basf
Sercobin	Fungicida	Ihara
Vertimec	Acaricida/Inseticida/Nematicida	Syngenta

**Fonte:** Trabalho de campo realizado em 02 jan. 2018. Organizado pelos autores.

Todavia, os cuidados com as pragas e doenças são fundamentais para garantir a produtividade dos pomares, principalmente em condições climáticas favoráveis à proliferação das mesmas. A maioria desses agrotóxicos são fabricados por empresas multinacionais, atuantes em escala global, tais como a Bayer e a Basf, monopolizando o território e também apropriando-se da renda da terra, conforme aponta Oliveira (2016). O nome dos principais agrotóxicos utilizados na produção de laranjas na Microrregião de Jales, sua função e seus respectivos fabricantes, estão dispostos no quadro 01.

Embora a maior queixa dos camponeses, quando questionados sobre os custos de produção da laranja, fosse em relação ao alto custo dos agrotóxicos, alguns também reclamaram do alto custo do combustível utilizado nos tratores, que acaba encarecendo ainda mais as aplicações de agrotóxicos.

Em vários sítios camponeses de laranja existem sistemas de irrigação que, segundo seus proprietários, tem dupla função: aumentar a produtividade dos pomares e possibilitar maior controle sobre o ciclo de floradas das laranjeiras para assim conseguirem vender o fruto fora da época de produção de outras regiões e com maior preço. Nesse caso dos pomares irrigados, acrescenta-se também o consumo de materiais e serviços para a montagem dos sistemas de irrigação e o consumo de energia elétrica necessária para o acionamento de bombas hidráulicas que bombeiam água no sistema.

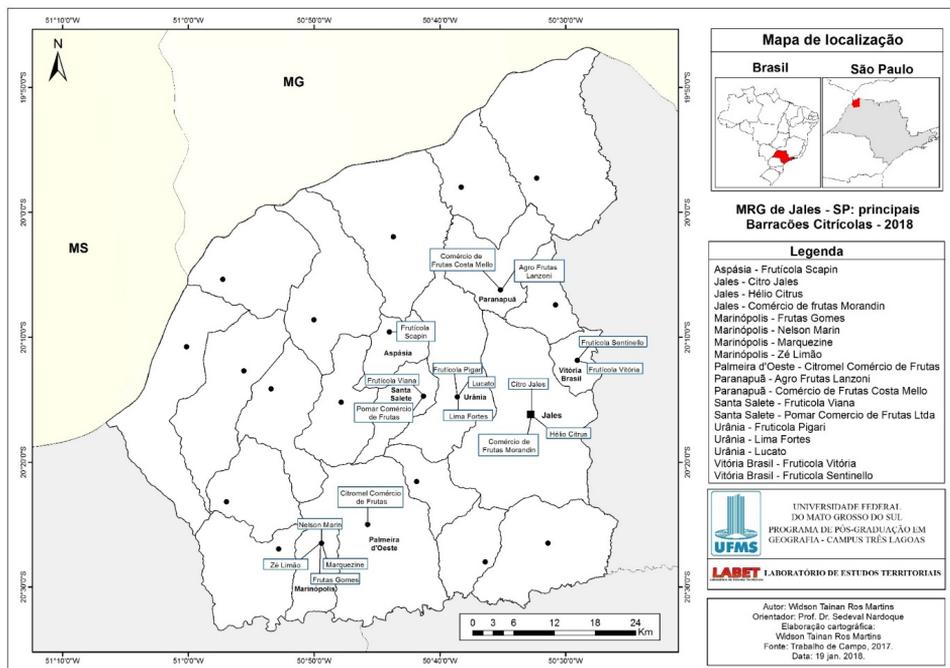
Também, devido aos altos custos para aquisição dos implementos agrícolas, fundamentais para o cultivo da laranja, bem como dos agrotóxicos, insumos e sistemas de irrigação, quando o caso, além do próprio tempo que os pomares novos demoram para começar a produzir, muitos agricultores camponeses acessam recursos financeiros para investimentos por meio de financiamentos e linhas de créditos tanto de instituições financeiras públicas quanto de privadas. Apenas em 2012, a soma do valor dos financiamentos, captados nos municípios da MRG de Jales, ultrapassou o total de R\$ 200.000.000,00 (Duzentos milhões de reais), conforme revelam os dados do Banco Central do Brasil.

Também atuam na etapa da produção da laranja, na Microrregião de Jales, diversas empresas e profissionais liberais especializados na prestação de serviços em assessoria agrícola. Essas empresas e profissionais atuam em consultorias técnicas para implantação e manejo das lavouras, bem como na elaboração de projetos para custeios e financiamentos agrícolas, exigidos pelas agências financiadoras para a liberação de crédito aos agricultores. Observou-se, entre os citricultores, com maior área cultivada com laranja, a prática de contratação dessas empresas em regime mensalista é maior. Contudo, isso não implica dizer que os citricultores camponeses (que geralmente possuem áreas de cultivo menores que 50 hectares) não contratem esse tipo de serviço.

A contratação de serviços de consultoria em regime mensal é a estratégia para evitar a exploração praticada por muitos técnicos e agrônomos de lojas especializadas na venda de agroquímicos, os chamados “vendedores de veneno”. A especialização das principais empresas comercializadoras de agrotóxicos e adubos químicos, na Microrregião de Jales, está representada na figura 02.



quando negociam a laranja diretamente com o agricultor camponês, ou terceiros, pessoas que compram laranja para os donos de barracão, ganhando comissão sobre cada caixa peso<sup>7</sup> de fruta comprada. É um tipo de comercialização que ocorre em grande escala, tendo em vista que a maioria dos camponeses da MRG de Jales produz laranjas para o comércio *in natura* no mercado interno, e os barracões são os principais canais de distribuição e comercialização dessa mercadoria em grande escala (ver a localização na figura 03).



**Figura 03.** Microrregião de Jales: principais barracões citrícolas – 2018.

**Fonte:** Trabalho de campo realizado em 19 jan. 2018. Elaborada por Widson Tainan Ros Martins.

Além dos barracões representados na figura 03, outras empresas desse tipo, instalados em municípios de microrregiões vizinhas, também atuam na Microrregião, tais como a Carlão Citrus, instalada no município de Estrela d'Oeste, e a Irmãos Okuma, instalada no município de Fernandópolis, ambos municípios pertencentes à MRG de Fernandópolis. Ao comprar a laranja do agricultor, o atravessador se responsabiliza pela colheita e o transporte das frutas até o barracão onde serão beneficiadas. Um desses atravessadores, entrevistado em trabalho de campo, afirmou ser responsável por trabalhadores/colhedores de laranja contratados e registrados de acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), contudo, atualmente tem terceirizado a colheita para se eximir de quaisquer garantias trabalhistas aos trabalhadores, embora demonstre ter

<sup>7</sup> Caixa peso é uma unidade de medida que corresponde a 40,8 kg.

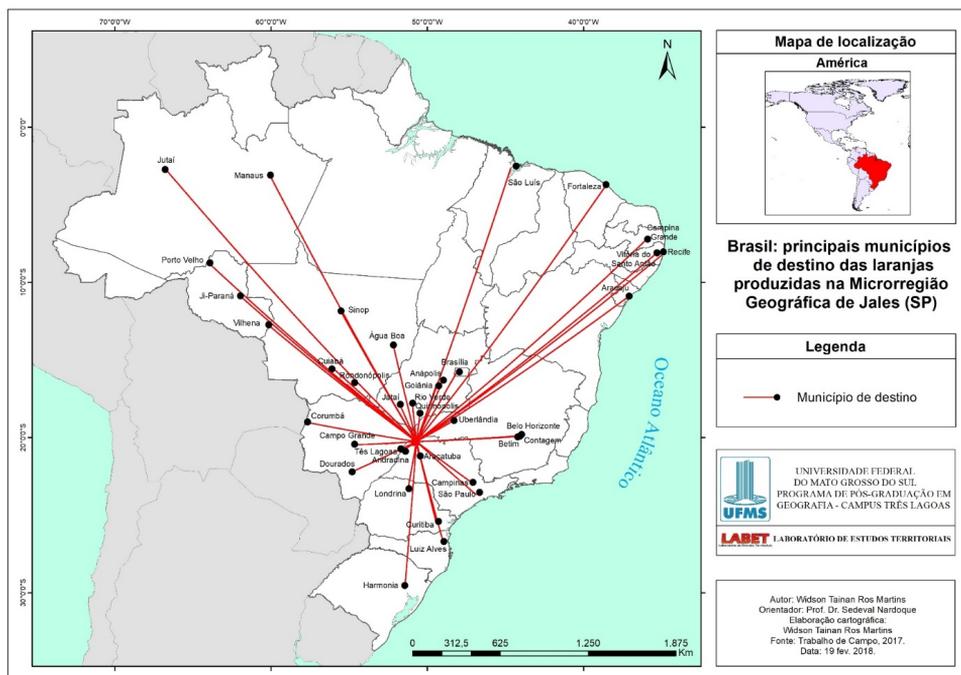
conhecimento da prática ilícita. Esse tipo de relação de trabalho é predominante na MRG de Jales.

O terceirizar a colheita é contratar o “turmeiro”, o “gato”, o “empreiteiro”, sem estabelecimento de contratos de trabalho. Sendo assim, os compradores/atravessadores tentam se eximir das responsabilidades com os trabalhadores caso formalizassem contratos de trabalho em conformidade com as leis trabalhistas do país. Desta forma, aumentam seus ganhos, pois além da renda da terra dos camponeses, apropriam-se da mais-valia, precarizando as relações de trabalho com os colhedores de laranja.

Os “turmeiros”, também conhecidos na região como “gatos” ou “empreiteiros”, são pessoas que possuem um ou mais veículos utilizados para o transporte dos trabalhadores até os pomares a serem colhidos. Após a colheita, a laranja é transportada até o barracão. O transporte da laranja, dos pomares até o barracão ou do barracão até os mercados, é realizado por caminhões dos donos dos barracões ou terceirizados. Chegando no barracão, as laranjas são lavadas, classificadas segundo alguns critérios, como tamanho, grau de maturação e estética. Depois são enceradas e, dependendo das exigências do mercado receptor da mercadoria, embaladas e, posteriormente, transportadas até as empresas varejistas. As laranjas consideradas de baixo padrão para os mercados, por apresentarem imperfeições na casca ou por serem de tamanho pequeno ou irregular, no momento da classificação, são separadas, armazenadas e, posteriormente, vendidas para as indústrias processadoras de suco.

As laranjas beneficiadas nos barracões possuem três destinos: a menor parcela destina-se às indústrias processadoras de suco, a maior parte é vendida nas redes de mercados varejistas ou comercializadas em entrepostos nos grandes centros urbanos do próprio estado, a exemplo de donos de barracões na Microrregião, alguns são proprietários de boxes na Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), ou mesmo nas Centrais de Abastecimento de Campinas S.A (CEASA). As principais cidades de destino das laranjas produzidas na MRG de Jales estão representadas na figura 04.

A distribuição e a circulação da laranja até chegar ao consumidor final eleva o preço pago pelo consumidor da fruta em comparação ao pago ao agricultor camponês. A queixa em relação aos baixos preços da laranja “na roça” esteve presente nas falas de muitos dos camponeses entrevistados, notados na disparidade entre o preço pago pela laranja aos camponeses e ao de comercialização no mercado.



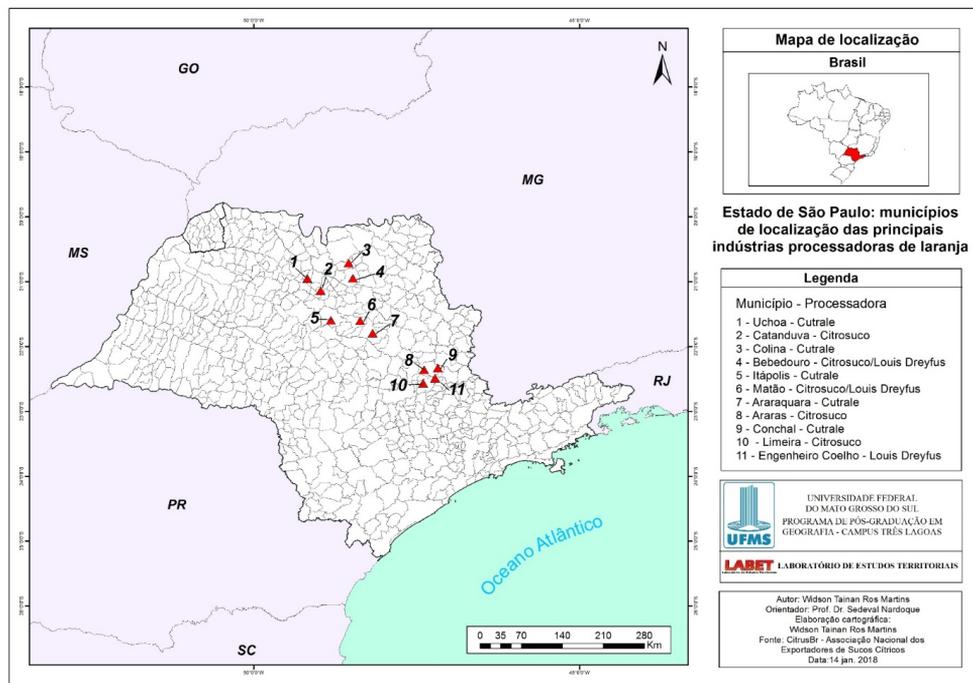
**Figura 04.** Brasil: principais municípios de destino das laranjas produzidas na Microrregião de Jales.

Fonte: Trabalho de campo realizado em 19 fev. 2018. Elaborada por Widson Tainan Ros Martins.

Em algumas ocasiões, o preço da laranja no supermercado equivalia a mais da metade do que estava sendo pago aos camponeses. No mês de julho de 2017, a caixa peso de laranja (40,8Kg) estava sendo vendida pelos camponeses pelo preço médio de R\$ 15,00 (Quinze reais). Por outro lado, em um supermercado da cidade de Jales essa fruta era vendida a R\$1,99 (Um real e noventa e nove centavos) o quilograma. O preço do quilograma da laranja no mercado, multiplicado pela quantidade de quilogramas da caixa peso, comercializada pelos camponeses, equivalia a R\$ 81,19 (Oitenta e um reais e dezenove centavos), ou seja, o preço recebido pelo camponês pelo quilograma da laranja, ou seja, apenas 18,4% do preço pelo qual a fruta era vendida no supermercado. Aproximadamente 80% do preço de comercialização da laranja no supermercado pesquisado, na ocasião do trabalho de campo, se referia aos custos de colheita, transporte, beneficiamento e ganhos dos atravessadores e da rede de supermercados.

Ainda que a maior parte da laranja produzida na MRG de Jales seja comercializada para o consumo in natura no mercado interno, a comercialização dessa fruta com a indústria processadora de suco também ocorre. Todavia, o fruto destinado à indústria é aquele de qualidade inferior, sem os padrões estéticos exigidos pelo mercado. No estado de São Paulo, apenas três empresas controlam o mercado de suco de laranja,

sendo elas a Cutrale, a Louis Dreyfus e a Citrusuco, conforme aponta a CitrusBr. A espacialização dessas empresas pode ser observada na figura 05. Contudo, também existem processadoras de menor porte, denominadas pelos atravessadores de “suquinho”, cuja produção tem como destino principal o mercado interno de sucos pronto para o consumo, tais como a Citrus Juice, localizada no município de Itajobi (SP), a Selial Citrus, localizada no município de Rio Claro (SP) e a Sucro Prat’s (Paranavaí, PR).



**Figura 05.** Estado de São Paulo: localização de municípios das principais indústrias processadoras de suco cítrico – 2016.

**Fonte:** CitrusBr – Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos, 2016.

Nessa modalidade de comercialização, os próprios agricultores podem firmar contratos com as indústrias, que estabelecem o preço e as demais condições de venda da fruta. Todavia, entre os agricultores camponeses a prática de firmar contratos com as indústrias processadoras não é comum, por dois motivos: geralmente o preço da laranja vendida à indústria é inferior ao da laranja vendida para o consumo *in natura*, e também por terem consciência da condição de subalternidade às empresas no estabelecimento de contratos com as mesmas. Dessa forma, a laranja é destinada à indústria quando foi vendida aos atravessadores, comumente com contratos com as processadoras para venda dos frutos sem os padrões de qualidade para serem destinadas ao consumo direto.

Segundo informações da CitrusBr, os principais produtos produzidos pelas indústrias processadoras de laranjas são o suco concentrado congelado e o não congelado, sendo seus destinos principais são os mercados externos. Para tanto, o transporte dessa mercadoria é realizado por via terrestre das unidades processadoras até os portos de escoamento e, depois, via transporte marítimo até os países de destino. O suco concentrado congelado e o não congelado são matérias-primas de diversas indústrias de alimentos, originando diversos outros subprodutos, tais como sucos e néctares, por elas envasados e distribuídos em redes de mercados atacadistas e varejistas, para depois chegarem ao consumidor final.

Por ter como principal destino o mercado internacional, a comercialização do suco de laranja produzido pelas indústrias processadoras é realizada por diversas empresas especializadas no envase e na revenda de bebidas derivadas ao varejo em cada um dos países onde atuam. Contudo, conforme sugere Neves (2010), o poder das empresas varejistas é desproporcionalmente superior aos das demais empresas envolvidas no circuito de produção de laranja. Segundo esse autor, têm sido comum a fusão de diversos grupos varejistas, aumentando ainda mais seu poder de negociação.

Segundo os relatórios da CitrusBr, no ano de 2016, o faturamento das cinco maiores empresas varejistas do mundo (Walmart, Carrefour, Costco, Kroger, e o Grupo Schwarz) foi de aproximadamente USD 987.030.000,00 (Novecentos e oitenta e sete milhões e trinta mil dólares), sendo que, desse total, o Walmart faturou sozinho USD 517.933.000,00 (Quinhentos e dezessete milhões e novecentos e trinta e três mil dólares). Essas empresas, de atuação em escala global, controlam e dominam o circuito espacial da produção da laranja, bem como os diferentes agentes nele envolvidos.

As grandes corporações, conseqüentemente, compreendem um conjunto variado de relações assimétricas entre distintos agentes – Estados nacionais, grupos empresariais nacionais e estrangeiros, competitivos ou monopolistas – relações que permitem às corporações maximizar sua participação no excedente total gerado pelo sistema capitalista mundial. Essas novas circunstâncias exigem, por um lado, estudar as relações e alianças entre o capital monopolista internacional, o capital monopolista nacional e o Estado, que, como sabemos, são os que controlam o processo produtivo no atual sistema capitalista. (BARIOS, 2015, p. 358).

Nesse sentido, o poder de dominação do capital monopolista internacional, representado pelas empresas globais, atuantes no mercado varejista, ultrapassa o poder do capital monopolista nacional, constituído pelas empresas processadoras de suco cítrico. Ambos, capital nacional e internacional, possuem relações com o Estado, estabelecendo aquilo que Moraes (2017) chamou de círculos de cooperação no espaço.

As alianças estabelecidas entre o capital monopolista internacional e nacional com o Estado constituem arranjos fundamentais para que o circuito ocorra. Isso pois, no caso estudado, além de regular as regras do sistema financeiro nacional, o Estado é responsável pela criação de um conjunto de políticas voltadas ao setor agrícola, tais como as políticas

de investimento, realizadas por meio da concessão de crédito e subsídios, bem como o fomento às pesquisas direcionadas ao setor, tanto em instituições de ensino e pesquisa públicas quanto privadas.

Também, acrescenta-se ao Estado, o papel no estabelecimento do conjunto de normas reguladoras de todas as etapas do circuito espacial de produção da laranja, muito embora não as faça fora do domínio do capital nacional e internacional, e no papel de execução e fiscalização das mesmas, que se dá por meio de instituições tais como a Defesa Agropecuária do Estado de São Paulo e a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI). Nos últimos anos, os pomares em São Paulo sofreram com problemas fitossanitários, destacando-se doenças como o *greening*<sup>8</sup> e o cancro cítrico<sup>9</sup>, pois, devido às normativas existentes para o controle e erradicação de tais doenças, levaram muitos citricultores (sobretudo os pequenos e médios) a não renovarem seus pomares e quando não, erradicarem-nos. Neste cenário, destacam-se as normativas criadas pelo poder público para o controle de tais doenças, pois segundo Welch e Fernandes (2008, p. 184), as políticas públicas fazem parte dos sistemas de dominação utilizados pelas processadoras de suco para obter o controle quase que absoluto sobre os citricultores.

Ao analisar e espacializar os dados relativos ao número de pés de laranja, disponibilizados pela Defesa Agropecuária do Estado de São Paulo, constata-se, entre os anos de 2011 a 2016, a redução da quantidade de pés de laranja plantados na MRG de Jales de 33,5%, passando de 6.648.864 pés, no primeiro ano, para 4.416.775, no último ano. Em campo, constatou-se que a diminuição da área cultivada com laranjeiras tem relação direta com os baixos preços pelos quais a fruta foi comercializada ao longo dos anos, principal justificativa utilizada pelos agricultores camponeses entrevistados, contribuindo para a erradicação de seus pomares ou diminuição da área plantada. Outras justificativas dadas relacionam-se à proliferação de doenças fitossanitárias nos pomares, bem como o alto custo dos agrotóxicos necessários à manutenção das plantas em pomares contaminados e, principalmente, a forte ação do Estado na elaboração de rígidas normas para o controle de tais doenças, inviabilizando a atividade.

### Considerações finais

Em todas as etapas do circuito espacial de produção da laranja, na MRG de Jales, o capital possui mecanismos de apropriação da renda da terra, vulnerabilizando os agricultores camponeses em maior ou menor grau. Isso pois, empiricamente, observou-se, em alguns momentos, os mecanismos capitalistas de sujeição da renda da terra contornados, principalmente pelos agricultores camponeses, seja por meio dos canais curtos de comercialização, com a venda do fruto *in natura* diretamente aos consumidores

---

<sup>8</sup> Para o controle do *greening*, foi sancionada no estado de São Paulo a Instrução Normativa nº 53, de 16 de outubro de 2008, atualmente em vigor.

<sup>9</sup> Sobre as normativas relativas ao controle do cancro cítrico, ver a Portaria Federal nº 291 do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento - MAPA, de 23 de julho de 1997, e o Decreto Estadual nº 45.211, de 19 de setembro de 2000, substituída pela Instrução Normativa nº 37 de 5 de setembro de 2016, que entrou em vigor em 6 de março de 2017.

locais, lanchonetes, feiras, supermercados etc., ou mesmo com a recusa em seguir as orientações dos técnicos agrícolas e agrônomos (vendedores de veneno), quando percebem-nos com intuito de vendas de produtos não necessários ou em excesso.

A diminuição da área plantada com laranja ou até mesmo a erradicação dos pomares pelos agricultores camponeses são formas de resistir aos mecanismos de exploração a que estão submetidos no interior do circuito espacial de produção da laranja, e que, portanto, são ações estratégicas encontradas para na terra permanecem e se reproduzem. Por esse e outros exemplos, muitos dos mecanismos de apropriação da renda da terra pelo capital, existentes no circuito espacial de produção da laranja, não escapam à compreensão dos camponeses nele inserido, tendo em vista que, em diversos momentos das entrevistas no trabalho de campo, estes sujeitos evidenciaram as “brechas” estrategicamente encontradas e utilizadas para escaparem desses mecanismos.

### Referências bibliográficas

ARRUDA, Z. A. de. *Onde está o agro desse negócio?: transformações socioespaciais em Mato Grosso decorrentes do agronegócio*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, 2007.

BARRIOS, S. Dinâmica social e espaço. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 4, n. 2, p. 351-368, 2015.

BRASIL, Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. *Estatísticas de Comércio Exterior*. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

CITRUSBR. *Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos*. Disponível em: <<http://www.citrusbr.com/>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

FABRINI, J. E; PAULINO, E. T. (org.). *Campeinato e territórios em disputa*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

INVESTESP, Agência Paulista de Promoção de Investimentos e Competitividade. *Setores de negócio: laranja*. Disponível em: <<http://www.investe.sp.gov.br/setores-de-negocios/agronegocios/laranja/>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

LOPES, E. S. A. *O gosto amargo da fruta: crise na citricultura sergipana e (des) organização dos produtores*. Artigo resultante do Projeto de Pesquisa “Estudo-diagnóstico da Cadeia Produtiva da Citricultura Sergipana”, financiado pela FAPITEC/SE, 2009.

MARQUES, M. I. M. A atualidade do uso do conceito de camponês. *Revista NERA*. Presidente Prudente, Ano 11, n. 12, p. 57-67, 2008.

MARX, K. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MELO, B. M. *História e memória na contramão da expansão canavieira: um estudo das formas de resistência dos sitiantes no noroeste paulista*. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, 2012.

MORAES, A. C. R. Os Circuitos espaciais de produção e os círculos de cooperação no espaço. In: DANTAS, A; ARROYO, M; CATAIA, M. *Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção: um diálogo com a teoria de Milton Santos*. Natal: Sebo Vermelho, 2017.

NARDOQUE, S. *Renda da terra e produção do espaço urbano em Jales – SP*. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”, Rio Claro (SP), 2007.

OLIVEIRA, A. U. de. *A mundialização da agricultura brasileira*. São Paulo: Iandê Editorial, 2016.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica, razão e emoção*. 4. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M; BECKER, B. (Org.). *Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. – 9. ed. – Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

TOLEDO, M; CASTILLO, R. Grandes empresas e uso corporativo do território: o caso do circuito espacial produtivo da laranja. *Geosul*, v. 23, n. 46, p. 79-93, 2008.

---

#### Widson Tainan Ros Martins

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/Três Lagoas.

Membro do Grupo de Estudos Terra Território – GETT e professor dos cursos de Graduação em Geografia e História do Centro Universitário de Jales – UNIJALES.

Av. Francisco Jalles, 1851 / CEP 15703-200 / Jales-SP

E-mail: martins\_tainan10@hotmail.com

#### Sedeval Nardoque

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP campus de Rio Claro.

Professor dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/Três Lagoas.

Av. Ranulpho Marques Leal, 3484 / CEP 79613-000 / Cx Postal nº210, Três Lagoas-MS.

E-mail: nardoque@hotmail.com

---

Recebido para publicação em dezembro de 2018  
Aprovado para publicação em julho de 2019